

GUIA DE GESTÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Construindo e fortalecendo a identidade da Escola do Campo

GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Educação

GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Educação

Guia de Gestão Escolar na Educação do Campo -
Construindo e fortalecendo a idadentidade da Escola do Campo

EXPEDIENTE
GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
Governador José Renato Casagrande
Vice-governador Ricardo de Rezende Ferraço

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO
Secretário Vitor Amorim de Angelo

SUBSECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA E PROFISSIONAL
Subsecretária Andréa Guzzo Pereira

GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA, DO CAMPO, INDÍGENA E QUILOMBOLA
Gerente Aline de Freitas Dias
Subgerente Monique Santiago de Carvalho

GERÊNCIA DE GESTÃO ESCOLAR
Gerente Maricélis Caetano Engelhardt
Subgerente Ronald da Silva Alves

GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO EM TEMPO INTEGRAL
Gerente Carolinne Quintanilha Ornellas

AUTORIA
Jorcy Foerste Jacob

ORGANIZAÇÃO E REVISÃO
Aline de Freitas Dias
Monique Santiago de Carvalho
Kelly Cristina Soares Lima
Jorcy Foerste Jacob

COLABORADORES
Alex Sandro Zorzal Vargas
Ana Paula Azevedo Moura Careta
Carolinne Quintanilha Ornellas
Clara Novaes Assunção
Jorge Vinícius Monteiro Vianna
Julio Manoel da Silva Neto
Kleidiana Cássia Silva Borges
Luanne Lima Ferreira
Marcia Helena do Nascimento
Ronald da Silva Alves
Sara Kaliana de Almeida Ferreira

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO ---------- 04

1. DIAGNÓSTICO DA ESCOLA ---------- 08

2. INVENTÁRIO DA REALIDADE ---------- 12

3. CÍRCULOS DE ESTUDO ---------- 15

4. “O CAMPO” NO PLANO DE AÇÃO---------- 18

5. INTERDISCIPLINARIDADE ---------- 21

6. PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS---------- 24

7. PESQUISA E INTERVENÇÃO ---------- 30

8. AUTONOMIA ESTUDANTIL ---------- 33

9. PARCERIAS E ARTICULAÇÕES ---------- 35

10. ESPAÇOS REPRESENTATIVOS ---------- 38

INTRODUÇÃO

Os gestores da Educação do Campo têm um papel fundamental na construção de uma escola que respeite e valorize a realidade campesina. Para isso, é essencial que aproxime o espaço escolar dos territórios dos estudantes, reconhecendo os saberes locais e as demandas específicas da comunidade campesina. Conforme as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (Brasil, 2002):

> A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país.

Sabemos que a atuação dos gestores deve ser a de promover a gestão democrática, assegurando a participação de educadores, estudantes, famílias e de toda comunidade escolar.

Nessa perspectiva, é necessário que se construa diálogo com instituições e movimentos sociais, de modo a fortalecer uma educação do campo contextualizada e de qualidade.

Cabe também ao gestor acessar os meios institucionais para garantia de infraestrutura adequada às condições que exigem a modalidade, assegurando o acesso, a permanência e o aprendizado dos estudantes em um ambiente que trabalhe com metodologias próprias às suas necessidades.

Por isso, este guia tem o objetivo orientar gestores escolares da rede pública estadual capixaba sobre os princípios, práticas e processos da Educação do Campo, fortalecendo a identidade campesina, construindo ações pedagógicas integradas e promovendo a participação democrática da comunidade escolar. O gestor escolar é a referência institucional fundamental para garantir e coordenar os esforços da comunidade escolar em torno de um projeto comum de educação que valorize o território, a cultura camponesa e a agroecologia com o intuito de fomentar um sentimento de pertencimento em relação à escola.

Neste guia, definimos dez passos, ou seja, dez ações que podem auxiliar na construção e/ou fortalecimento de uma identidade campesina para a escola. Os passos não precisam ser feitos na ordem aqui proposta. Assim como também não é necessário fazer todos eles.

Cada equipe escolar tem autonomia para avaliar se estes passos são necessários, em quais tempos e sequência, e traçar o próprio caminho na construção de uma identidade atrelada à modalidade, logo, condizente com a realidade da comunidade. Precisamos lembrar que a Educação do Campo "incorpora os espaços da floresta, da pecuária, das minas e da agricultura, mas os ultrapassa ao acolher em si os espaços pesqueiros, caiçaras, ribeirinhos e extrativistas (Brasil, 2002, p. 1)." Desse modo, as escolas atendem diversos povos do campo, das águas e das florestas, que têm o direito de ter uma educação dialógica às demandas de seus territórios, em consonância com os princípios da modalidade.

Portanto, as escolas do campo não são apenas aquelas localizadas na área rural, mas sim as que atendem majoritariamente estudantes do campo, das águas e das florestas e constroem a identidade escolar atrelada ao território.

Para isso, o Projeto Político Pedagógico delas precisa ser construído com a liderança do diretor e com o apoio da equipe pedagógica e de toda a comunidade escolar, conforme as diretrizes da Educação do Campo, visando ao fortalecimento da modalidade por meio de sua identidade e mediações.

1. Diagnóstico da Escola

Definição: Mapeamento dos princípios e práticas da Educação do Campo, identificando os que já estão presentes na escola e os que necessitam ser consolidados. É necessário identificar as identidades étnico-raciais e o contexto da comunidade. É importante mapear também a aprendizagem, considerando os resultados das avaliações internas e externas, visto que são instrumentos que podem subsidiar decisões pedagógicas sobre defasagens e recomposições. Para isso, sugere-se dialogar o diagnóstico da modalidade com os seguintes indicadores educacionais: taxa de aprovação/reprovação, taxa de abandono escolar, resultados do IDEB e do IDEBES, além da atenção aos resultados de avaliações como: Avaliação da Fluência em Leitura, Avaliação Diagnóstica, Avaliação de Monitoramento de Aprendizagem (AMA) e Avaliação Socioemocional. O intuito é pensar dialogicamente como o território campesino se relaciona com cenário identificado.

É importante conhecer a CI/SEDU/SEEB/Nº, 42, de 2025, que apresenta Orientações para Escolas da Modalidade Educação do Campo e a Formalização de Compromisso Gestores do Campo.

Para saber mais:

Para as escolas que seguem os princípios da Pedagogia da Alternância, recomenda-se a apropriação do material 'CampoEduca: Mediações da Pedagogia da Alternância'.



Quando fazer?

- Sempre que houver mudanças na equipe gestora;
- No início do ano letivo ou início de um novo ciclo de planejamento pedagógico relacionado às questões da modalidade;
- Sempre que a escola inicia um processo de reestruturação do projeto político-pedagógico (PPP);

Por que fazer?

- Para reconhecer os avanços e desafios na implementação da Educação do Campo;
- Para planejar ações pedagógicas coerentes com a realidade e necessidades da comunidade escolar;
- Para garantir que o projeto pedagógico esteja alinhado com as diretrizes da Educação do Campo e com os princípios da escola do/no campo;
- Para subsidiar a construção ou revisão do Projeto Político-Pedagógico (PPP).

Caminhos para fazer:

Etapa	Ações	Período	Responsáveis
1º	Diagnóstico da Escola do Campo (Planner de sugestão)	Antes do 1º JPP	Diretor, CP e CASF
2º	Avaliação sobre a necessidade do Inventário da Realidade na escola	1º JPP	Diretor, CP, CASF e pedagogo
3º	Tabela de práticas singulares da Educação do Campo	1º JPP	CP e pedagogo
4º	Tabela de práticas singulares da Educação do Campo	2º JPP	CP e pedagogo
5º	Tabela de práticas singulares da Educação do Campo	3º JPP	CP e pedagogo

2. Inventário da Realidade

Definição: Estudo etnográfico participativo da realidade local para orientar o currículo, que contém História da comunidade; Atividades produtivas e culturais; Saberes tradicionais; Diagnóstico ambiental.

Para saber mais:



Quando fazer?

- No início do ano letivo, como parte do planejamento pedagógico.
- Sempre que houver mudanças significativas na comunidade escolar ou no território.
- Quando há muita rotatividade de professores e gestores.
- Como parte do processo de revisão do Projeto Político-Pedagógico (PPP).

Por que fazer?

- Documento orientador para novos professores, gestores e comunidade em geral;
- Documento que fortalece a identidade da escola;
- Documento orientador para o trabalho pedagógico agroecológico;
- Para integrar os saberes e práticas locais ao currículo escolar;
- Para promover o reconhecimento e valorização do território e da cultura camponesa.

Caminhos para fazer:

Etapa	Ações	Período	Responsáveis
1º	Estudo do caderno CampoEduca: Inventário da Realidade -Metodologias da Educação do Campo	Momentos de planejamento	Coordenador Pedagógico e Pedagogo
2º	Levantamento preliminar das informações que já são acessíveis sobre a escola e seu entorno, conforme roteiro proposto.	Momentos de planejamento	Coordenador Pedagógico, Pedagogo e Professor coordenador de Área
3º	Círculos de estudo: Inventário da realidade	1º JPP	CP e pedagogo
4º	Tabela de práticas singulares da Educação do Campo	Em período letivo e em momentos de planejamento	Coordenador Pedagógico, Pedagogo e Professor coordenador de Área
5º	Lançamento do Livro da Realidade	Acolhimento dos Estudantes ou Dia da Família na Escola ou Plantão Pedagógico	Coordenador Pedagógico, Pedagogo e Professor coordenador de Área

3. Círculos de estudo e formações

Definição: Estudos e capacitações contínuas com foco na modalidade Educação do Campo. Conforme a Resolução CNE/CP nº 1, de 27 de outubro de 2020, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Continuada (BNC-Formação Continuada) a colaboração estruturada entre pares, com apoio dos mais experientes, fortalece a aprendizagem profissional e a melhoria da prática pedagógica. Por isso, além das formações disponibilizadas pelo Cefope, propomos para a Educação do Campo, os "Círculos de estudos". Este é um método colaborativo de aprendizagem que promove o diálogo, a troca de saberes e o desenvolvimento de consciência crítica, inspirados na pedagogia de Paulo Freire.

Quando fazer?

- Quando há muita rotatividade de professores e gestores.
- Quando a equipe escolar não têm formações específicas relacionadas a modalidade.
- Quando a Secretária de Educação e/ou Ministério da Educação indicarem formações, cadernos pedagógicos, diretrizes e legislações.
- Quando for necessário fomentar práticas escolares referentes à realidade campesina.

Por que fazer?

- Porque conforme as Diretrizes Operacionais da Educação do Campo do Espírito Santo, no eixo IV, a formação continuada que contemple a modalidade deve estar prevista nos projetos escolares. O documento indica também a necessidade de formação de todos os trabalhadores vinculados às escolas do campo.
- Para aprofundar os conhecimentos da equipe escolar em relação às práticas e aos princípios da Educação do Campo.

Caminhos para fazer: As formações internas podem ser feitas nas Horas Integração e/ou nos planejamentos coletivos. Os Círculos de Estudo podem ser os sugeridos pela Geaciq ou propostos a partir de temáticas relevantes para o contexto da escola. Cada Círculo de Estudo sugerido tem o passo a passo de como executá-lo. Disponibilizamos também os livros das formações ofertadas pelo Cefope, para apropriação pela equipe escolar e pelos supervisores, para serem utilizados nos estudos.

Apresentação dos Círculos de Estudo com temáticas iniciais sugeridas:





Livros das formações ofertadas pelo Cefope:







4. O “Campo” no Plano de Ação

Definição: O Plano de Ação da escola é um documento vivo, coletivo e orientador, composto pelo conjunto dos Mapas de Ação construídos para cada objetivo estratégico finalístico da SEDU, conforme modelo na Portaria nº 034-R, de 03 de fevereiro de 2025. Ele organiza e integra as ações pedagógicas e administrativas da escola, garantindo que o trabalho desenvolvido dialogue diretamente com os princípios da Educação do Campo, com a meta escolar (proficiência + fluxo) e com as diretrizes legais vigentes.

É, portanto, o instrumento que alinha a prática pedagógica com a identidade do campo, com os eixos temáticos previstos na Resolução CEE-ES nº 6.596/2022 e com o fortalecimento da agroecologia, da economia solidária e da sustentabilidade.

Quando fazer?

- O Plano de Ação deve ser elaborado anualmente integrado com as práticas e princípios das diretrizes pedagóicas da Educação do Campo.

Por que fazer?

- Porque torna visível, organizado e monitorável o trabalho da escola.
- Porque garante o direito do estudante campesino a práticas pedagógicas coerentes com a modalidade.
- Porque a Portaria nº 034-R, de 03 de fevereiro de 2025 define o Plano de Ação Anual como parte do Circuito de Gestão da rede estadual.
- Porque a Resolução CEE-ES Nº 6.596/2022, que aprova as Diretrizes Operacionais da Educação do Campo do Estado do Espírito Santo estabelece que as propostas pedagógicas devem fortalecer a agroecologia, a economia solidária, a interdisciplinariedade e os saberes locais com ações do território.

Caminhos para fazer:

Etapa	Ações	Período	Responsáveis
1º	Diagnóstico Escolar (Ponto 1)	Momentos de planejamento	Diretor, CP, Casf e Pedagogo
2º	Estudo das Diretrizes da Educação do Campo	Momentos de planejamento	Diretor, CP, Casf e Pedagogo
3º	Elaboração dos Mapas de Ação	Momentos de planejamento	Equipe Pedagógica e Professores
4º	Implementação das Ações	Ano letivo todo	Professores, Estudantes, Equipe Gestora
5º	Correção de rotas	Em período letivo e em momentos de planejamento	CP, pedagogo, supervisores
6º	Atualização do Plano	Em período letivo e em momentos de planejamento	CP, pedagogo, professores
7º	Avaliação final	Final do Ano Letivo	Equipe Gestora, Professores, Estudantes e Comunidade

5. Interdisciplinaridade

Definição: Refere-se à articulação intencional entre diferentes componentes curriculares e áreas do saber, orientada por um propósito comum e estruturada a partir de um eixo integrador que organiza e dá sentido ao conhecimento.

Para saber mais:



Quando fazer?

- Deve ser feita de forma contínua, como prática orientadora do trabalho pedagógico.

Por que fazer?

- Para promover um diálogo de saberes entre educadores, estudantes, famílias e lideranças comunitárias.
- Para gerar maior participação comunitária na educação escolar.
- Para cumprir as Diretrizes Operacionais da Educação do Campo do Estado do Espírito Santo, aprovada na Resolução CEE-ES nº 6596/2022, que estabelce a abordagem dos currículos em forma de eixos temáticos em todas as etapas da Educação Básica.
- Porque o trabalho com temas geradores permitem relacionar os objetos do currículo à realidade em que o estudante vive, tornando a aprendizagem mais significativa.

Caminhos para fazer:

Etapa	Ações	Período	Responsáveis
1º	Estudo do e-book CampoEduca - Interdisciplinaridade Metodologias da Educação do Campo	Momentos de planejamento	Coordenador Pedagógico e Pedagogo
2º	Círculos de Estudo: Interdisciplinaridade	Momentos de planejamento	Coordenador Pedagógico, Pedagogo e Professor coordenador de Área
3º	Levantamento Preliminar	Em período letivo e em momentos de planejamento	CP, pedagogo e todos os professores
4º	Codificação e decodificação das situações limites	Em período letivo e em momentos de planejamento	CP, pedagogo e todos os professores
5º	Redução Temática: escolha dos conceitos científicos e planejamento das aulas	Em período letivo e em momentos de planejamento	CP, pedagogo e todos os professores

6. Práticas Agroecológicas e laboratórios da Educação do Campo

Definição: Conjunto de ações pedagógicas que envolvem a implantação, manutenção e uso educativo de laboratórios vivos e demais espaços formativos que favoreçam aprendizagens contextualizadas no território campesino. Esses espaços funcionam como ambientes de pesquisa, experimentação e produção de saberes, articulando práticas tradicionais e conhecimentos científicos.

Para saber mais:



Quando fazer?

- Durante todo o ano letivo, com momentos específicos de implantação, manejo, experimentação, registro e avaliação.

Por que fazer?

- Porque a Agroecologia é um princípio estruturante da Educação do Campo e deve ser a matriz formativa das escolas campesinas.
- Porque estimula a preservação ambiental e a sustentabilidade, abordando temas como conservação do solo, biodiversidade, polinização, agrofloresta, manejo da água e reciclagem.
- Porque desenvolve competências científicas, ao criar ambientes de experimentação (hortas, laboratórios, meliponários) em que os estudantes investigam, observam, analisam e produzem conhecimento.

Caminhos para fazer: Fazer um mapeamento dos espaços disponíveis: horta, laboratório de ciências, cozinha pedagógica, áreas externas. Em seguida, planejar coletivamente com a comuidade escolar quais práticas, quais espaços, quais oficinas e quais laboratórios podem ser desenvolvidas nas escolas e com parcerias no território. Se necessário e conforme os trâmites estabelecidos, buscar recursos do PROGEFE, para apoiar a implantação ou manutenção de hortas, laboratórios e demais espaços formativos da Educação do Campo. É importante desenvolver práticas pedagógicas contextualizadas, envolvendo biofertilizantes, compostagem, manejo sustentável do solo, experimentos científicos, transformação de alimentos, organização de feiras, atividades cooperativas e práticas culturais comunitárias. Também avaliar continuamente os resultados das práticas, ajustando o plano, fortalecendo o currículo e garantindo coerência com as diretrizes da Educação do Campo.

Exemplos:



Horta agroecológica na
EEEF Assentamento União



Meliponicultura
na EEEFM Fazenda Emilio
Schroeder



Hidroponia na EEEF Córrego
Queixada



Oficina de produção de geleias na
EEEF Paulo Damião Tristão Purinha



Hidroponia com a implantação de um
sistema de aquaponia e de energia eólica
no Centro Estadual Integrado de Educação
Rural (CEIER) de Boa Esperança



Cunicultura no
Centro Estadual Integrado de Educação
Rural (CEIER) de Vila Pavão

Exemplos:



Oficina de Preparação e Aplicação da Calda Bordalesa na EEEFM Assentamento Ouro Verde.



Avicultura no Centro Estadual Integrado de Educação Rural (CEIER) de Águia Branca





Pocilga com sistema de Biodigestor no Centro Estadual Integrado de Educação Rural (CEIER) de Vila Pavão



Viveiro de produção de morango agroecológico e eletivas de marcenaria na EEEFM Fazenda Emilio Schroeder



Laboratório de Ciências da Natureza no Centro Estadual Integrado de Educação Rural (CEIER) de Vila Pavão



Para encontrar mais exemplos, sugerimos acompanhar a Comunidade de Práticas da Educação do Campo. Além disso, que tal enviar uma prática agroecológica para compartilhar as experiências e fomentar o trabalho colaborativo entre as escolas do campo?





Veja também o Caderno de Práticas da Educação do Campo, Povos e Comunidades tradicionais, com várias sugestões de planos de aulas e pesquisas que fortalecem os princípios da Educação do Campo.

7. Pesquisa e intervenção na comunidade

Definição: Processo formativo em que estudantes, professores e comunidade investigam o território, identificando problemas, potencialidades e saberes, com objetivo de desenvolver ações de intervenção, melhoria e valorização da vida no campo.

Quando fazer?

- Durante o desenvolvimento dos eixos curriculares/temas geradores.
- Sempre que houver demandas do território que dialoguem com a escola.

Por que fazer?

- A pesquisa é um princípio pedagógico na Educação do Campo.

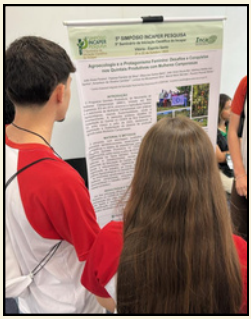
- As Escolas do Campo devem ser, conforme a a legislação, espaços públicos de investigação e articulação de experiências e estudos para o desenvolvimento local em articulação com o mundo do trabalho.

Exemplos:



Pesquisa sobre práticas sustentáveis e acessíveis para o cultivo de abacaxi na agricultura da região, desenvolvida pela Escola Estadual de Ensino Médio (EEEM) Professor José Veiga da Silva, apresentada na Feira de Ciências do Sul do Estado (FECISC).

Apresentação de pesquisa sobre feminismo e agroecologia no Seminário Incaper pelo CEIER de Boa Esperança, que mantém uma importante parceria com o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), cedendo espaço para o cultivo de uma horta diversificada. Essa iniciativa promove o desenvolvimento social da comunidade escolar e permite pesquisas sobre quintais produtivos e saberes agroecológicos locais.
As mulheres das famílias dos estudantes são convidadas a participar, compartilhando saberes e práticas tradicionais de cultivo, o que contribui para a melhoria da alimentação e, em alguns casos, da renda familiar.



Caminhos para fazer:

Etapa	Ações	Período	Responsáveis
1º	Levantamento de temas, problemas e potencialidades da comunidade	Em período letivo e em momentos de planejamento	Equipe gestora e pedagógica; professores
2º	Definição de temas geradores e metodologias de pesquisa para serem incluídas no Plano de Ação.	Momentos de planejamento	Equipe gestora e pedagógica; professores
3º	Desenvolvimento da Pesquisa	Em período letivo e em momentos de planejamento	Equipe gestora e pedagógica; professores
4º	Intervenção: Desenvolvimento das ações na comunidade e socialização dos resultados	Em período letivo	Equipe gestora e pedagógica; professores
5º	Avaliação participativa das ações e impactos	Em período letivo e em momentos de planejamento	Equipe gestora e pedagógica; professores

8. Autonomia estudantil

Definição: Conjunto de práticas fundadas na autonomia dos estudantes, sob orientação do educador, em todas as etapas e modalidades da Educação Básica, incentivando o protagonismo na aprendizagem, na gestão escolar e na vida comunitária.

Quando fazer?

- Deve ser feita de forma contínua, como princípio e prática da Educação do Campo.

Por que fazer?

- Para gerar maior participação dos estudantes, familiares e comunidade na gestão da educação escolar.
- Para cumprir a Resolução CEE-ES nº 6596/2022, que orienta a adoção de procedimentos didáticos fundados na autonomia ao incentivar o protagonismo dos estudantes em relação não apenas à sua aprendizagem, mas à gestão da escola e à participação comunitária.

Caminhos para fazer: Sugerimos, primeiramente, a apropriação da Portaria nº 026 – R, de 24 de janeiro de 2025, que atualiza as diretrizes para a organização do Conselho de Líderes de Turma das escolas que ofertam ensino fundamental (anos finais) e ensino médio da rede pública estadual de ensino do Espírito Santo e implementa os Comitês de Líderes de Turma em níveis regional e estadual.

Em seguida, sugerimos o estudo do CampoEduca: Auto-organização pela equipe escolar para a realização do Plano de Trabalho disponível nele. Também sugerimos o estudo articulado com professores, estudantes e comunidade dos outros e-books abaixo, produzidos pela Sedu.

Para saber mais:









9. Parcerias e articulações

Definição: Processo de construção de redes colaborativas entre a escola do campo e movimentos sociais, instituições públicas, universidades, órgãos governamentais, associações, cooperativas e demais entidades que se fazem presentes na organização rural como estratégia para a práxis educacional transformadora nos territórios camponeses.

Quando fazer?

- Sempre que a escola desenvolver projetos e pesquisas que envolvam a comunidade ou que necessitem de apoio técnico, formativo ou de infraestrutura.
- De forma contínua, como parte do acompanhamento pedagógico e institucional.

Para saber mais:



Por que fazer?

- Para fortalecer a identidade campesina e integrar escola–família–comunidade–território.
- Para ampliar oportunidades educativas e culturais para os estudantes.
- Para garantir diversos apoios técnicos, formativos e estruturais adequados às especificidades das escolas do campo.
- Para a escola ser um exemplo para a comunidade de trabalho colaborativo e integrado, possibilitando aos estudantes e às famílias conhecerem as instituições públicas, movimentos sociais e políticas públicas do campo.

Exemplo:

Veja no vídeo, um exemplo de parceria entre o INCAPER (Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural) e escolas municipais em Viana (ES) para criação e manutenção de hortas com finalidade pedagógica.



Caminhos para fazer:

Etapa	Ações	Período	Responsáveis
1º	Identificar necessidades da escola e da comunidade (formação, apoio técnico, espaços pedagógicos, projetos, pesquisas, laboratórios, cultura, esporte, agroecologia).	Início do ano letivo e nas correções de rota do Plano de Ação	Conselho de escola, Diretor, CP, Casf e Pedagogo
2º	Mapear instituições do território (associações, sindicatos, cooperativas, quilombos, aldeias, unidades de saúde, CRAS, Incaper, Ifes, universidades, movimentos sociais etc.).	Momentos de planejamento e reuniões	Conselho de escola, Diretor, CP, Casf, Pedagogo e equipe escolar
3º	Contato com parceiros e diálogo inicial	Momentos de planejamento	Diretor, CP, Casf, Pedagogo e Porfessor Coodernador de área/curso
4º	Construir agendas colaborativas, definindo objetivos, responsabilidades, calendário e ações conjuntas.	Momentos de planejamento	Equipe gestora e pedagógica
5º	Avaliar as parcerias ao longo do ano e replanejar conforme necessidades do território.	Final do ano	Equipe escolar e Conselho de Escola

10. Espaços pedagógicos e representativos da identidade campesina

Definição: Ambientes físicos e simbólicos na escola que valorizem a cultura, os saberes, as práticas e a memória do campo, fortalecendo o pertencimento e a identidade dos estudantes campesinos.

Quando fazer?

- Durante todo o ano letivo, com momentos específicos de planejamento e execução nas etapas iniciais e de avaliação contínua.

Por que fazer?

- Para promover o reconhecimento da cultura e dos modos de vida do campo.
- Para que a comunidade escolar se veja representada na escola.

Exemplos:



A fachada da EEEFM Paulo Damião Tristão Purinha com pinturas sobre a cultura camponesa local.



Plotagem na sala de aula da EEEF Três de Maio com frase e imagem de Cora Coralina, poeta ligada ao universo camponês.



Painel na EEEFM Frederico Boldt sobre o Dia Mundial da Agricultura, com imagens de pessoas da comunidade.



Pergolado envolta de jardins no Centro Estadual Integrado de Educação Rural (Ceier) de Vila Pavão.



Plotagem na EEEFM Hermann Berger sobre o projeto de abelhas nativas.

Exemplos:



Placas e reciclagem de pneus nos jardins da EEEF Três de Maio.



Representações nos muros e espaços de brincar relacionados à cultura camponesa na EEEF Córrego Queixada.



Representação dos tutores como pétalas da árvore na EEEFM Valdicio Barbosa.

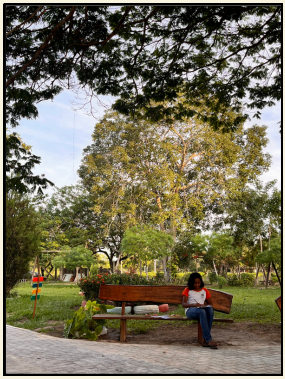


Contrato de convivência em formato de árvore com foto dos estudantes da EEEF Três de Maio.

Nas biblioetcas e espaços de leitura da escola é importante ter livros que dialogam com os príncipios da Educação do Campo e que sejam representativos da identidade campesina.



Geloteca da EEEF Margem do Itauninhas com a frase "Nosso Campo Lê".





Mural com plotagem dos principais elementos do Plano de Estudo na EEEF Margem do Itauninhas.
Importante deixar evidentes as metodologias próprias da Educação do Campo, tal como o Tema Gerador.



Corredor com estantes de livros na EEEFM Virgínia Nova



GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Educação